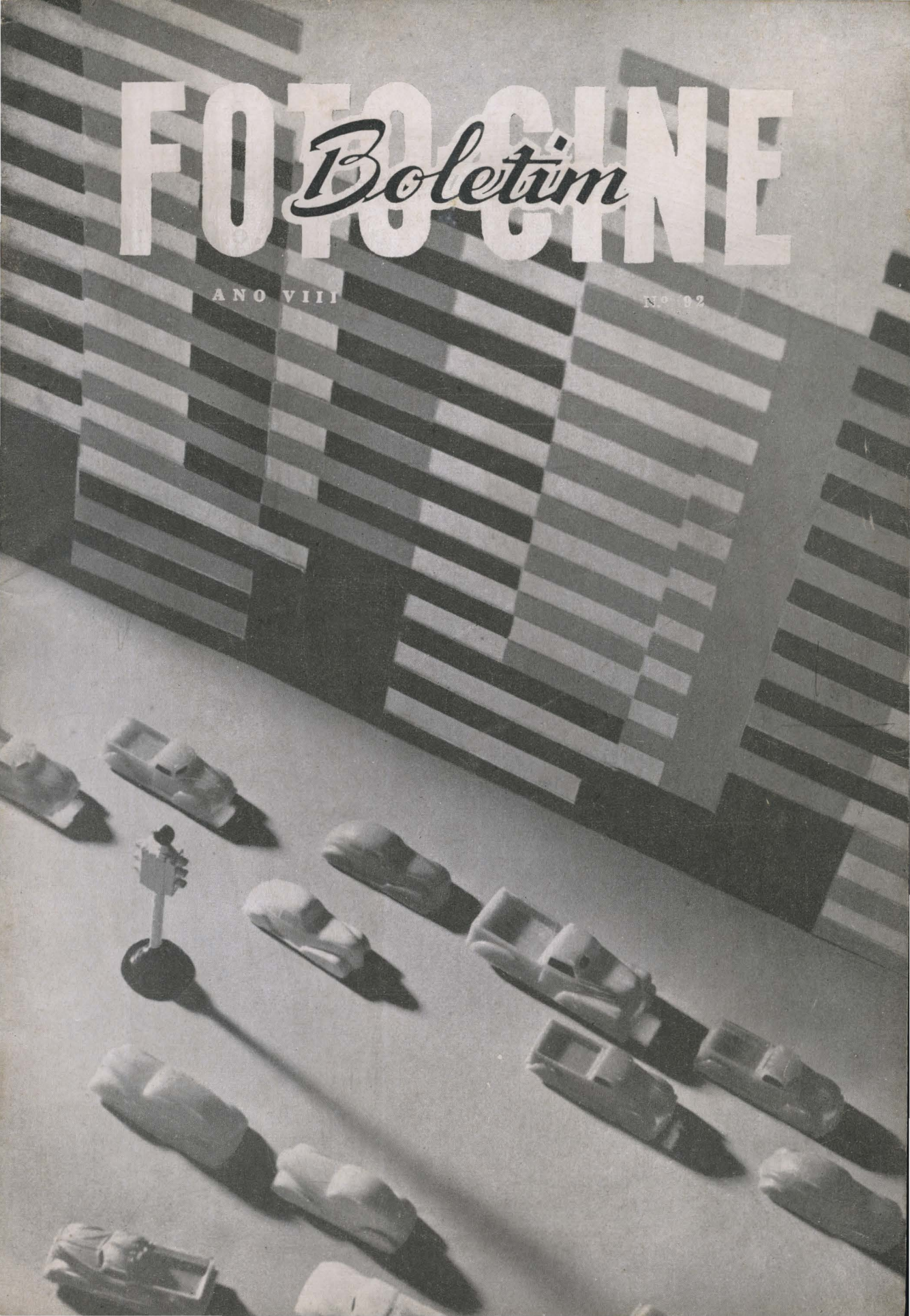


FOTO CINE

Boletim

ANO VIII

Nº 02



Visite MESBLA



a loja mais completa
do centro
da cidade...

...e faça uma
boa compra!

TUDO PARA VOCÊ E PARA SEU LAR
ALÍ NA 24 DE MAIO ESQ. D. JOSÉ DE BARROS



ARTIGOS DOMÉSTICOS

Utensílios em geral para o
lar. Artigos finos para
adornos e presentes.

BICICLETAS E MOTOS

Bicicletas para homens,
senhoras e crianças. Moto-
cicletas das mais afamadas
marcas.



MALAS E CONFECÇÕES

Malas finas para viagens,
roupas esportivas para
cavalheiros, artigos para
esporte.

MÓVEIS

Móveis de qualidade para
sala de jantar, dormitório,
living, etc. Móveis de aço
para cozinha.



BRINQUEDOS

Bonecas de todos os tipos,
brinquedos de corda, carrin-
hos, velocípedes e um mun-
do encantado de novidades.



ARMAS E MUNIÇÕES

Artigos para
caçadas e pesca-
rias - cutelaria
e ferragens

CINE-FOTO

Câmeras para fotografia
e cinema - Projetores
- Laboratório -
Óptica e Filmoteca.



RÁDIO-REFRIGERAÇÃO

Rádios, radiofônios, televi-
são, máquinas de lavar, de
costurar e de escrever,
enceradeiras, etc.

DISCOS

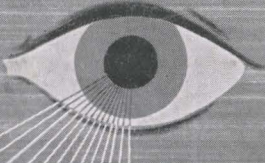
As melhores gravações
nacionais e estran-
geiras. Grande
variedade em
discos long-play.



E LEMBRE-SE... UM
CREDI-MESBLA
RESOLVE SEU PROBLEMA

MESBLA

FILIAL DE SÃO PAULO -
UM QUARTO DE SÉCULO
NO IV CENTENÁRIO



Ver e vencer com a Rollei

REPRESENTANTES E
UNICOS DISTRIBUIDORES

H. SCHNEIKER & CIA.

Importadores Exclusivos
CURITIBA, PARANÁ

Filial em SÃO PAULO
Rua Consolação 65 - 7.º and. - s/71
Caixa Postal 6908 - Fone: 35-2796



®

Rolleiflex
Rolleicord

OTICA FOTO *Moderna*

A casa que oferece o maior sortimento em artigos foto e cinematográficos em geral.

CAMARAS E ACESSÓRIOS

Filmes — Papéis — Projetores e Ampliadores.
Binóculos — Microscópios e Serviços completos de

ÓTICA

Moderníssimo Laboratório para revelações de filmes, ampliações esmeradas e artísticas. Revelações de filmes cinematográficos.

Fabricação própria de lentes.

OTICA FOTO MODERNA

RUA MARCONI, 44 — FONES: 32-9197 e 34-7582 — SÃO PAULO



FUNDADA EM 1908

Casa Beethoven

MUSICAS • PIANOS
RADIOS • DISCOS
INSTRUMENTOS
PAPELARIA
REFRIGERADORES

LARGO DA MISERICORDIA, 36 - FONES 32-0303 - 33-6510 - CX. POSTAL 348 - S. PAULO

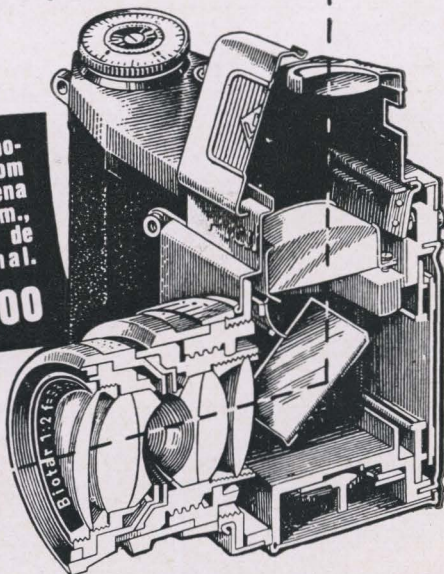


Arte admirável
da técnica
fotográfica!

A Câmera PRAKTICA lhe oferece as vantagens da união feliz de miniatura e visor brilhante despolido. Com uma PRAKTICA, você poderá focalizar o negativo, pelo sistema reflex, observando, através da própria objetiva, o assunto a ser fotografado. A PRAKTICA lhe dá também a ausência completa de paralaxe, e uma precisão absoluta, característico da perfeita mecânica alemã.

Para filmes de 36 poses, 24 x 36 mm., com objetiva Carl Zeiss Jena Biotar 1:2 de 50 mm., azulada, com bolsa de prontidão original.

Cr. \$ 5.950,00



FOTOPTICA

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 49 - RUA SÃO BENTO, 359
VISITE A LOJA FOTOPTICA
NO PARQUE DE IBIRAPUERA!

TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

TECIDOS PARA DECORAÇÕES

Cortinas Ludovico

LARGO DO AROUCHE, 99

Fone:
36-2126

Filial: RUA AUGUSTA, 2699 - Fone: 80-7201



FRAQUEZA GERAL

Depressão, impotência genital do homem e mulher, Neurastenia, velhice precoce, Prostatite e falta de filhos. - Tratamento pela "Auto-Hormo-Vacina" "Hellmeister" (Aos interessados enviamos prospectos com dados sobre o tratamento)

LABORATORIO HELLMEISTER

Diretores Técnicos:
O. HELLMEISTER - Médico
J. HELLMEISTER - Técnico Bacteriologista

PRAÇA DO PATRIARCA, 96 - 2.º AND. - TEL. 32-5918 - CAIXA POSTAL, 919 - S. PAULO

SEGURANÇA INDUSTRIAL

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

Fundada em 1919

CAPITAL REALIZADO: Cr.\$ 12.000.000,00

SEGUROS: Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Rodoviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automoveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/53 Cr.\$ 44.850.666,50

Sinistros pagos até 31/12/53 Cr.\$ 449.731.283,80

PRESIDENTE

Antonio Prado Junior

MATRIZ NO RIO DE JANEIRO

Av. Rio Branco, 137 - Edifício Guinle — End. Telegráfico "SECURITAS"

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Rua Boa Vista, 245 - 5.º andar - Prédio Pirapitinguí - Telef.: 32-3161 a 32-3165

J. J. Roos

Gerente-Geral

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS



com
CLICHE'

boa
REVISTA

CLICHES

fortuna

FONE: 32-3492

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr. \$
Joia de admissão	200,00
Mensalidade	40,00
Taxa extra mensal pró-sede própria	10,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ..	600,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.

★

REVISTA "FOTO CINE BOLETIM" MENSAL

SEDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

—

S. PAULO, BRASIL



Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Gerente:

Dr. Roberto G. T. Andrade

Correspondentes no

Estrangeiro:

Alvaro Sol
Argentina**Marius Guillard**
Lion, França**Domenico C. Di Vietri**
Roma, Itália**Ray Miess**
Wisconsin, EE. Unidos**Georges Avramescu**
Arad, Rumania

Redação e Administração:

R. S. Bento, 357 - 1.º andar**S. PAULO — BRASIL****NOSSA CAPA**

"METROPOLE"

de

Roberto Yoshida — FCCB**SUMÁRIO**

A NOTA DO MÊS	9
AUTO DOS RETRATOS (conclusão)	10
LEÃO MACHADO	
FOTOGRAFIA, ARTE?	13
WALTER ZANINI	
ROBERTO YOSHIDA EXPÕE NO FCCB	15
O XVI CONCURSO INTERNACIONAL DE CINEMA AMADOR	19
GERALDO JUNQUEIRA DE OLIVEIRA	
PROMOÇÃO DE CLASSE NO FCCB	24
A. MORAES BARROS	
XIII SALÃO INTERNACIONAL DE S. PAULO	26

—••—

ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS — O BANDEIRANTE NO
EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CONCURSOS
SALÕES — VÁRIAS.

—••—

Exemplar avulso em todo o Brasil	Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro	Cr.\$ 60,00
Para o exterior	Cr.\$ 100,00

ORGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe for dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Tôda correspondência deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhadava, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.

SOCORRO MECÂNICO

GRATIS!

é apenas uma das muitas vantagens
garantidas aos nossos sócios!

Economise muito dinheiro com seu carro tornando-se sócio do Automóvel Club do Estado de São Paulo, com a modesta anuidade paga, V. S. receberá muitas vezes multiplicada a importância dispendida, pelas muitas vantagens que lhe são oferecidas

POSTOS DE ASSISTÊNCIA EM:

S. PAULO: Rua Martim Francisco, 53
Fone: 52-5713

SANTOS: Rua Senador Feijó, 215
Fone: 2-5682

CAMPINAS: Será instalado brevemente.

Para bem servi-lo

Departamento de Socorro Mecânico - Departamento Jurídico
Departamento de Seguros e Acidentes - Departamento de
Informações - Departamento de Turismo - Departamento de
Despachos - Departamento de Mensageiros - Departamento
do Interior - Departamento de Oficinas.
Garagens e Postos de Serviço.



AUTOMÓVEL CLUB DO ESTADO DE SÃO PAULO

o mais completo serviço de assistência mecânica do Brasil

FUNDADO EM 1935

A Nota do Mês

O magnífico programa com que o Foto-cine Clube Bandeirante vem comemorando o trancurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo, atingirá nos próximos meses o seu ponto culminante, com a realização, em novembro do XIII SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA e nos primeiros dias de dezembro do FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA AMADOR.

Quanto ao primeiro, já nos acostumamos aos seus consecutivos êxitos e o dêste ano, do qual damos notícia detalhada noutra local desta revista, prenuncia-se dos melhores.

Quanto ao segundo, — o FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA AMADOR — está também plenamente vitorioso.

Quantos conhecem as múltiplas e grandes dificuldades a serem vencidas para que um certame de tal natureza possa ser realizado, podem bem avaliar o esforço e tenacidade exigidos para que se concretizasse êsse festival. Não obstante, podemos afirmar que o mesmo constituirá um dos maiores triunfos já obtidos pela renomada entidade que reúne os fotógrafos e cineastas amadores de São Paulo.

Com efeito, até o momento em que redigimos esta nota, já participaram o envio das respectivas representações, as Federações de Cinema Amador da Alemanha, Argentina, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Noruega e U. S. A., com um total de 20 películas, tôdas elas já premiadas em importantes concursos internacionais.

Assistirá, portanto, São Paulo, á maior exibição já realizada na América Latina de filmes de autoria dos mais destacados cineastas amadores do mundo, filmes êstes do mais elevado padrão artístico e que nada ficam a dever às melhores produções comerciais.

Neste momento em que ganha impulso o cinema amador brasileiro, é êste mais um assinalado serviço que o Foto-cine Clube Bandeirante presta aos afeiçoados e estudiosos do cinema em São Paulo, ao mesmo tempo que belíssima homenagem à cidade que lhe é berço, para ela atraindo novamente a atenção do mundo cinematográfico.

Setembro, 1954



LEÃO MACHADO

Auto dos Retratos

Palestra pronunciada no Foto-cine Clube Bandeirante.

IV - conclusão

Os albuns, ah, os albuns de fotografias! Adoráveis de recordações queridas, para seus proprietários, que aí têm fotografadas lembranças de dias felizes, são um horrível instrumento de tortura para as visitas. Quem não sofreu a maçada de ter de folhear, uma hora inteira, por obrigação de civilidade, albuns e albuns de fotografias de gente desconhecida e sem interesse?

Mas os albuns nem sempre são fastidiosos. Quando são antigos, têm a curiosidade de ressuscitar diante dos nossos olhos coisas do tempo passado. Uma inauguração há trinta anos, um acontecimento histórico, roupas que já não se usam mais. E no capítulo da roupa dos retratos antigos é que se pode ver bem como nosso senso estético repousa no hábito. As vestes de antigamente não são mais nem menos belas do que as de hoje — são apenas diferentes. Nós, porém, achamô-las ridículas, esquecidos de que, daqui a vinte anos, acharemos ridículas as que hoje vestimos e nos parecem normais. Quem não se capacitar disto, experimente contemplar um retrato de vinte anos de uma mulher conhecida, própria ou alheia e verá espantado como eram absurdas as modas que se usavam então.

A contemplação dos albuns de retratos, suscita cogitações sobre as con-

seqüências da invenção da fotografia. Não temos hoje nenhuma noção de como se passaram os grandes episódios conhecidos da história — o julgamento de Cristo, o incêndio de Roma, o descobrimento da América, a queda da Bastilha. É certo que há quadros de pintores representando êsses acontecimentos. Mas é sempre representação de cenas que o artista compôs com a fantasia, ajudado pelo estudo de documentos da época. Quem nos pode garantir que a Santa Ceia tenha sido como a pintou Leonardo da Vinci, ou que a primeira missa rezada no Brasil tenha sido como está na famosa tela de Pedro Américo?

Hoje, os acontecimentos importantes são fotografados, filmados e guardados em documentários oficiais. Não temos ainda suficiente experiência histórica para saber se essas fotografias e filmes durarão todo o tempo que o mundo ainda durar, porque se trata de invenções muito recentes. Mas dado que durem sempre, as gerações do porvir terão idéia exata de como os fatos se passaram, como eram realmente os homens que nêles tomaram parte e até poderão ouvir sua própria voz, gravada na margem dos filmes.

Isto trará sem dúvida uma substancial transformação no estudo da história e as gerações do futuro não terão

as dúvidas que temos hoje sôbre as coisas do passado.

Vejo neste admirável progresso um só prejuízo. Será uma era ingrata para os historiadores do futuro, porque é sabido que esta raça de gente, como as mulheres e os gramáticos, se nutre só de controvérsias, dúvidas e hipóteses...

Vamos agora findar esta palestra sem responsabilidade, nem conseqüências. E findemô-la, encarando ainda um aspecto da fotografia — o político.

É sabido que uma das formas de homenagear os poderosos do momento é pendurar seus retratos em lugares importantes. Isto no Brasil é mal que já vem do Império e com o mesmo caráter com que o conhecemos hoje, que é o do facciosismo e da inconstância. Retrato que se põe em parede é só de político que está no poder. Uma vez caído da posição, com êle cai também o seu retrato.

É bem conhecido o caso que sucedeu com Machado de Assis, ao ser proclamada a República. Havia no Ministério da Viação, de que Machado era Diretor Geral, um retrato de D. Pedro II. Proclamada a República, também ali quizeram pôr abaixo o retrato do ex-imperador, provavelmente para pendurarem no mesmo lugar um de Deodoro. Machado, que era um homem reto, deve ter tido repugnância pela baixesa do ato, mas com certeza não queria se incompatibilizar com os homens do novo regime e se opôs, lançando mão de um artilho burocrático. Alegou que o retrato entrara ali com memorandum do Ministro e só com memorandum sairia. E não saiu.

Em nossos tempos tem sido abundante a colocação de retratos de figuras da política e sua posterior retirada, com o resvalão do original para o ostracismo. Durante a Ditadura, houve um largo derrame de retratos do chefe do governo, que surgiam em tôdas as paredes, numa verdadeira inflação fotográfica. Veio o 29 de outubro e houve uma ansiosa retirada coletiva dessa

effigie, significativa da sua queda. Mas, após uma decadência de cinco anos em Itú, voltou o homem ao governo, agora consagrado pela escolha do eleitorado. E a alma anônima das ruas inspirou o célebre samba que diz:

“Bota o retrato do velho...”

Com este versinho de música popular, definiu-se melhor a reviravolta política do que qualquer ensaio de psicologia social, porque botaram mesmo o retrato de novo nas paredes.

Mas, neste capítulo, às vêzes se encontram coisas inesperadas. Em meio de gente que muda facilmente em política e com a mesma ligeireza com que colocam um retrato, substituem-no por outro, ao sabor da fortuna do momento, há gente séria e conservadora. Vi há dias no salão nobre da Câmara Municipal de uma cidade do interior, uma galeria de retratos de pessoas importantes, homens do passado e do presente, que permaneciam apesar da flutuação da fortuna política. Lá estavam frente a frente, mortos ilustres do passado e ilustres governantes dos últimos trinta anos. Imóveis nas paredes, fitavam o vazio e personificavam épocas, revoluções, avenças e desavenças da política nacional.

Contemplei demoradamente aquela numerosa galeria e fiquei pensando que à noite, no salão escuro e solitário, nesse ambiente de fantasmas, propício ao despertar das recordações e das saudades, talvez aquêles retratos falem e conversem entre si, como falavam e conversavam os relógios do célebre diálogo de D. Francisco Manoel de Melo. E cheguei então a esboçar um diálogo político, que êles devem travar na calada da noite, rememorando aquelas coisas do tempo passado, que geravam tempestades de paixão e hoje aparecem despidas do seu conteúdo emocional e carregadas apenas de ambições frustradas, melancólicos desenganos e ridículas vaidades.

Mas não escrevi o diálogo, pelo medo de perdê-lo. A política muda tanto...

"CATRAIAS"

Eduardo Salvatore — FCCB

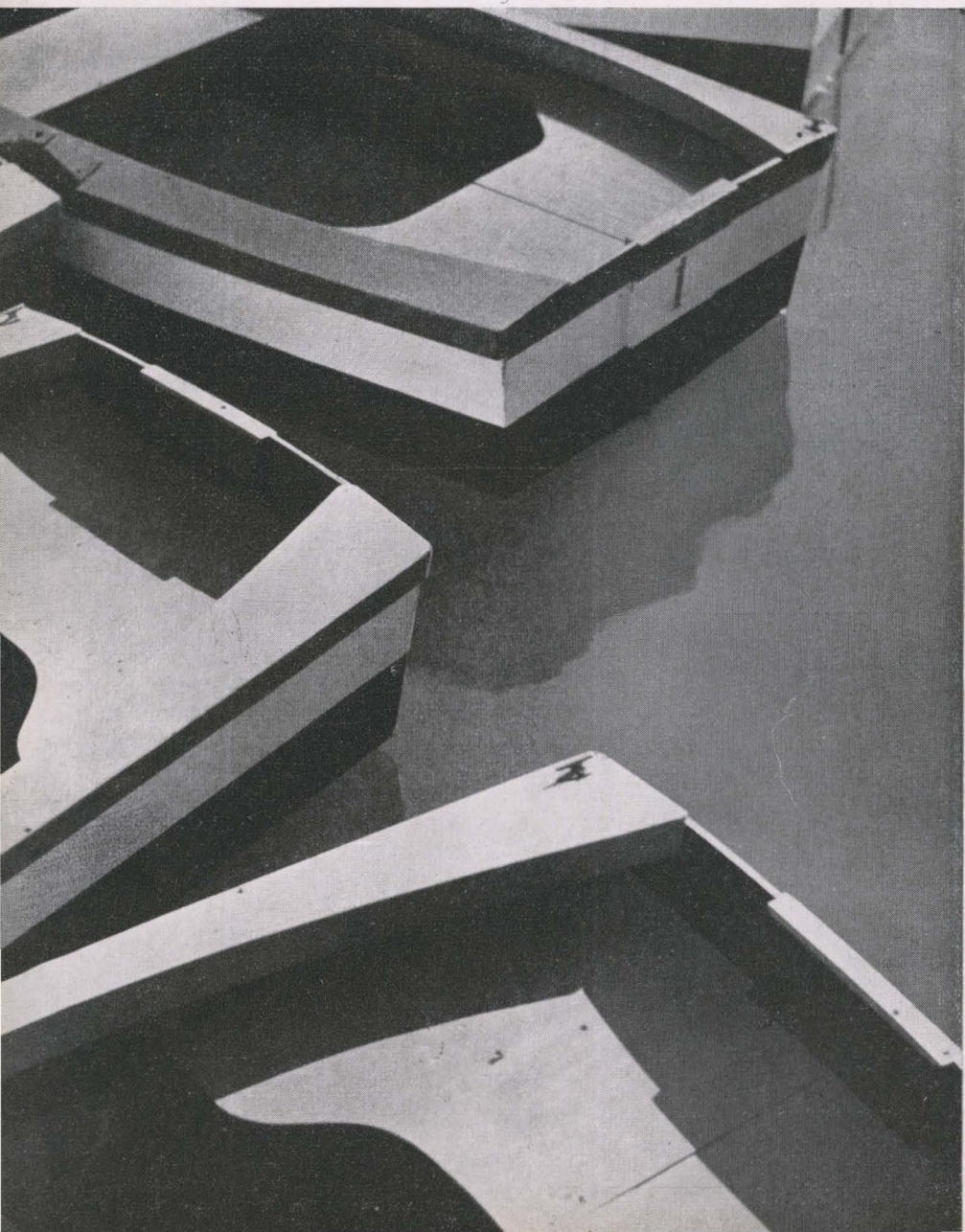




Foto de ADEMAR MANARINI — FCCB

Fotografia, Arte?

Walter ZANINI

A exposição das fotografias de Manarini, no Museu de Arte Moderna, coincidiu com a exumação que fizemos, neste jornal, há algumas semanas—desculpem a pretensão!—dêsse esquecidíssimo Hercules Florence. Evidentemente, não há intenção nenhuma de forjar sutilezas. Apenas vontade de uma afirmação.

Florence, por assim dizer, é quase um pré-histórico no embate sustentado desde os tempos em que a alquimia

era moda para colimar o objetivo insofrido e pesquisado da fixação da imagem no vidro ou matéria que o valha. Em 1832, o cientista polimorfo de Campinas, está firme na esteira da descoberta que vai sorrir e consagrar melhor — meub melhor! — a Daguerre, Niepce, Talbot e outros. E perdoem o pouco de chauvinismo que vai agora nesta frase: de que evolução não necessitou a fotografia para das tôscas imagens de Florence chegarmos a êste

entusiasmo que nos dá o 1954 de Manarini!

De um início, em que a fotografia não consegue prestígio superior ao de ser considerada mero "espelho com memória", ela vai alargar velozmente suas dimensões, deixando a relatividade do simples recurso documentário, caracterizador de seus primeiros passos, para subir, quando exigido, a um ápice que a nivela às artes antigas, artesanais, nascidas antes da máquina.

Mas, ao contrário do que sucedeu à invenção dos irmãos Lumière — a cinematografia — logo bafejada pela auréola da arte, a fotografia ainda hoje vai encontrar contestações terríveis que a não reconhecem como capaz de provocar emoções estéticas. Felizmente, essa atitude não é unânime e mesmo existe crescente simpatia que a defende a sua filiação à ampla família das artes plásticas.

A explicação tradicional dos preconceitos, é a de que o sujeito interfere apenas secundariamente na captação da imagem sensível, e que, portanto, a tarefa principal e decisiva, ninguém usurpa aos diapositivos mecânicos da máquina. Erro primário, já se vê, que ignora, as novas possibilidades também aplicáveis à arte, advindas da técnica moderna e que já estão competindo honrosamente com o instrumental clássico. Aí encontramos, para quem quiser tomar conhecimento, os recursos da eletrônica que aproveitam à música, os meios maquinais de cor-forma-luz aplicados à pintura etc.

O erro dos que consideram tão mal as virtudes artísticas, digamos a experiência estética possível à fotografia, está em que a máquina com ser muito não é tudo. Em última análise, o "transcendental" é ao sujeito que cabe criar, transfigurando objetos comuns ou valendo-se da percepção pura para a invenção formal. A máquina ser-lhe-á um da mesma maneira que o pincel ao pintor, o buril ao gravador ou o cinzel ao escultor. Através dos ângulos, das gradações e proporções, das relações

e iluminação, em suma do intrincado de meios de que se vale para fixar a imagem emotiva, o fotógrafo atingirá seu fim, que é o de estabelecer um ente autônomo, com uma expressão artística.

No surrealismo e no dadaísmo, — é um exemplo — Max Ernest e Man Ray nos proporcionaram trabalhos admiráveis de imaginação, obtidos com os recursos da fotografia. Os processos químicos vêm-se multiplicando rapidamente (inversão de negativos, jogos de sombra, diapositivos resultantes de negativos, interrupção no revelar o filme, aproveitamento de fatores casuísticos etc.) observando-se, desde logo, um parentesco muito grande entre a fotografia e a pintura, pois em ambas existem manifestações da arte como consciência da natureza e da arte como interiorização.

Creemos que uma alegria muito grande será experimentada por todos aqueles que forem vêr a exposição de Manarini, no Museu de Arte Moderna, pois ali estão, lado a lado, várias fases em que o artista — êle o é, fotógrafo ou pintor, não importa! — depois de um estágio de comoção ante o espetáculo da vida cotidiana, passa a caminhar decididamente em direção aos elementos formais tão só, os únicos a lhe interessar a partir de um certo momento. E perceberemos, nas pesquisas que exigiram superações de início temáticas, depois ideológicas, o quanto erro seria protelar o reconhecimento do direito artístico às imagens obtidas com os recursos da fotografia. Diz mesmo o catálogo, a certa altura: "Não podendo mais separar processos pictóricos, gráficos ou processos do uso da luz sobre superfícies sensíveis, acha-se o artista de posse de todos êles, sejam os que estão ligados a um mundo ilusório de símbolos ou ideais, sejam os que representam apenas a maneira de se expressar por meio de valores puramente formais" etc.

Estamos plenamente de acôrdo.

(Transcrito de "O TEMPO")

ROBERTO YOSHIDA

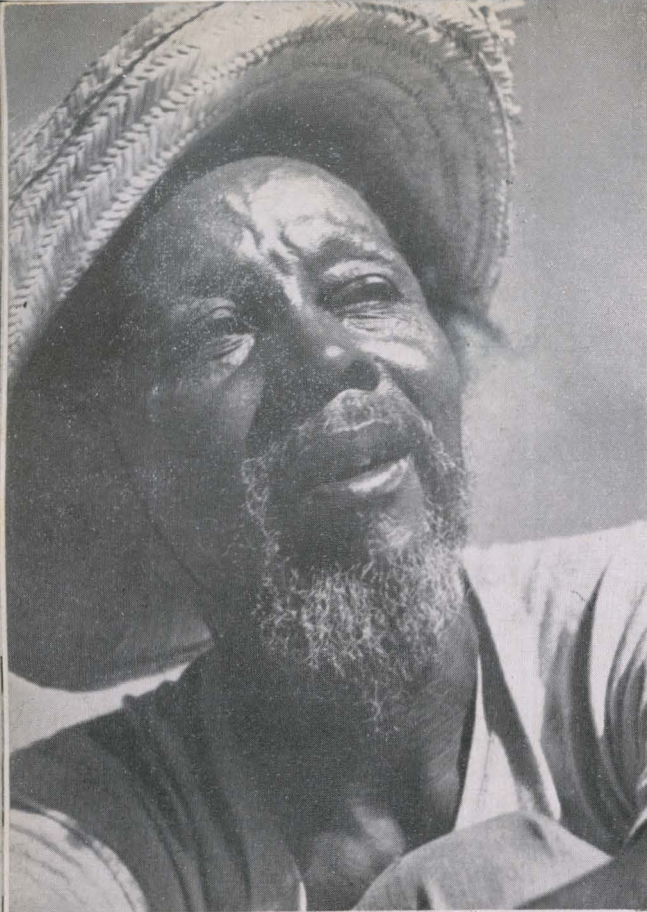


"BOLERO"



ROBERTO YOSHIDA

Expõe no Foto-Cine
Clube Bandeirante



"CABOCLO"



"ASSALTO NA PRAIA"



“TRATAR BEM OS ANIMAIS”

Nos meios artístico-fotográficos do país e do estrangeiro o nome de Roberto Yoshida está aureolado por justo renome e prestígio.

Praticando com maestria os vários gêneros — seja a paisagem, o retrato ou a composição — foi, entretanto, no “table-top” (fotografia de mesa) que mais se notabilizou Yoshida.

Com efeito, o “table-top” — êsse difícil e por alguns críticos tão desmerecido gênero de fotografia — tem em Yoshida talvez o seu mais eminente cultor. Na verdade, o “table-top” de Yoshida adquiriu características personalíssimas e inconfundíveis, traduzindo todos os dotes da destacada personalidade do valeroso amador “bandeirante” que o colocaram em posição ímpar junto aos demais cultores do gênero.



Nas mãos de Yoshida o "table-top" deixa de ser aquela fraca e por vèzes ridícula imitação de cenas da natureza ou simples arranjo de bonecos que nada dizem e nada significam com os quais comumente nos deparamos, para atingir um plano de superior espiritualidade, com sentidos por vèzes profundamente humanos, representando, outras vèzes, verdadeiras sátiras aos nossos usos e costumes ou a fatos e episódios de todos os dias, ou ainda constituindo representações de fábulas e contos infantís de grande delicadeza e beleza, onde se unem um esquisito e saboroso senso de humor à uma extraordinária técnica seja na confecção das cenas em si seja nas qualidades fotográficas dos seus trabalhos.

Sem dúvida alguma, Yoshida elevou o "table-top" tornando-o digno da arte fotográfica.

Companheiro dos mais afáveis e dedicados, conquistou Yoshida largo círculo de amigos e admiradores. Não é de admirar pois, tenha constituído um verdadeiro acontecimento artístico-social a inauguração, na noite de 23 de agosto último, da sua exposição individual, promovida pelo Foto-cine Clube Bandeirante em sua séde, integrando a série de exposições com que a entidade vem comemorando o transcurso do IV Centenário da nossa Capital.

Foi pequeno o palacete da rua Avanhandava, para conter o elevado número de pessoas que ali compareceu a fim de admirar as obras de Yoshida e levar ao destacado amador os justos aplausos de que se tornou merecedor.

Dando a exposição por inaugurada foi o expositor saudado pelo Dr. Eduardo Salvatore, Presidente do FCCB que exaltou o trabalho de Yoshida e a sua contribuição para a elevação e aperfeiçoamento da fotografia paulistana.

Agradecendo, salientou Yoshida o apóio e incentivo que tem recebido do Clube e seus diretores e referindo-se particularmente ao "table-top", esclareceu que "a soma de necessidades e exigências que êsse gênero apresenta, quer em recursos de atelier, quer em recursos de laboratório, permite aos seus estudiosos um maior desembaraço de ações que muito poderá contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos demais gêneros da arte de fotografar". Pôz-se em seguida à disposição dos colegas para quaisquer esclarecimentos sôbre a difícil arte do "table-top".

Foi o expositor bastante cumprimentado por sua magnífica exposição, sendo na ocasião servido fino coquetel.

Os clichês ao lado fixam alguns flagrantes tomados por ocasião da abertura da mostra e que bem demonstram o sucesso que obteve.



Flagrantes colhidos durante o XIII Congresso da UNICA, o primeiro quando da visita oficial dos delegados dos vários países participantes ao Prefeito de Lisboa (ao centro, de claro, o Sr. Geraldo J. Oliveira, Delegado do Brasil) — e o segundo fixando uma das reuniões dos delegados, no Palácio Fóz, sede do certame.

O XVI Concurso Internacional do Melhor Filme Amador

GERALDO JUNQUEIRA DE OLIVEIRA — FCCB

(Delegado do Brasil ao XIII Congresso da UNICA)

Conheci o Snr. Alvaro Antunes, Presidente da UNICA, quando passei por Lisboa, algum tempo antes do Certame Internacional de Cinema de Amadores lá realizado êste ano. Pude verificar nesta ocasião que o seu esforço e dedicação iriam dar ao Congresso o ambiente propício a um desenvolvimento dos mais brilhantes e proveitosos.

De fato, quando cheguei à Capital portuguesa em agosto último, para representar o Brasil na XIII reunião anual de cineastas amadores, fui encontrar a hospitalidade lusitana em grande atividade para a acolhida dos delegados que naquele dia chegavam de todos os cantos do mundo ao Palácio Fóz, sede do Congresso. De início percebi que se não fôsse o calor implacável, teríamos pelo menos uma deliciosa "semana social" cercados pelos nossos anfitriões que, principalmente a êste irmão brasileiro, não pouparam gentilezas.

Desde o primeiro almoço no Avenida Palace, onde numa sala do refeitório dedicada aos cineastas, cruzavam-se as saudações e as pilherias, numa paródia da Torre de Babel, em que o alemão abra-

cava o francês e o italiano acenava um "tchau" ao amigo inglês, que não via desde o ano passado em Bruxelas, verifiquei que os meus companheiros formavam uma família magnífica, que se dispunha a trabalhar e a se divertir dentro de um encantador espírito cosmopolita.

Realmente, êste espírito norteou o Congresso em tôdas as suas etapas. Conheci muito da Europa, naquela semana em Portugal.

O Palácio Fóz, relíquia de bom gosto e tradição, antiga residência dos Marqueses da Fóz, abriu no coração de Lisboa as suas portas aos delegados de 14 países, que ali se reuniam, para mostrar o que de melhor as suas pátrias haviam produzido neste ano, em matéria de cinema de amadores.

Não poderiam os organizadores escolher melhor local para o Congresso do que êste Palácio, que se prestou esplêndidamente a tôdas as necessidades do certame. — Enormes salões, uma preciosa sala de exibição, enfim, dependências grandiosas, superiores talvez em simpatia, ao próprio Palácio dos Festivais em Cannes.

O ambiente repousante e agradável do seu interior, permitiu que assistíssemos em 5 dias, quase 50 horas de cinema! Nunca passei tantas horas seguidas no escuro, discutindo e analisando assuntos cinematográficos e, por incrível que pareça, não foi nestas dezenas de horas que eu lucrei alguns conhecimentos preciosos sobre a sétima arte e sim, nas conversas mantidas com certos delegados, durante as refeições e com as idéias trocadas no curso das excursões, nos intervalos das visitas oficiais ou ainda nas horas vagas... Os catedráticos davam aulas nos bastidores.

* * *

Os filmes concorrentes à **Taça Wolf** da UNICA, uma magnífica peça de cristal lavrado, dividiam-se em 3 categorias: Documentário, Enrêdo e Fantasia.

As películas de enrêdo — a categoria que inclui as obras de realização mais complexa, principalmente considerando-se os parcos recursos de produção com que contam os amadores — vieram mostrar dois grandiosos trabalhos, um francês e outro italiano.

Enquanto o primeiro, **“La Maison des Verdi”** é um desenvolvimento literário, tratado com uma primorosa fotografia de claros e escuros, em que o contraste violento vem realçar um drama de extrema “finesse”, o segundo, **“Ascano Boa”** traz consigo os matizes do néo-realismo peninsular, incluso até na fotografia, em certos casos intencionalmente sem pretensões, mas que através dela encerra todo o espírito de um povo emotivo e humano que cria nos simples detalhes cotidianos, os momentos culminantes de suas vidas. **“Ascano Boa”** é cinema dos grandes, é cinema que narra com uma imagem fluente e crúa, um episódio de profundo simbolismo. É a história verídica de um lavrador que morre e por razões de impossibilidade de transporte terrestre, devido a inundações desastrosas que assolam o vale agrícola, é levado em cortejo fúnebre, a bordo de um batelão fluvial, com destino à sua última morada... e no caminho, deparam os que participam do féretro, um rapaz desesperado que da margem faz sinais para o barco se deter e carregando uma moça grávida, coloca-a a bordo. Pretende seguir em busca de um médico que auxilie a sua pobre mulher.

Continua a viagem, agora com a nova passageira que vem aliar os seus gemidos de parturiente ao choro da viuva e as presenças do padre acompanhante. E lá vão rio abaixo, entoando um cântico patético, os tripulantes do batel que levando a morte no

seu bojo, prepara-se para ouvir os primeiros clamores da vida. O último quadro, de uma plástica comovente, grandioso pela culminância que atinge é auxiliado pelo som, com toda a plenitude de sua função narrativa. Do barco, que impassível, segue o seu caminho, chega-nos os berros do recém-nascido...

Acesas as luzes, finalizando esta sessão, dirigí-me às pressas, tropeçando por entre as poltronas, até o local onde estava o Conde Anoni, delegado italiano, portador de tão valioso trabalho. E ao felicitá-lo, disse-lhe que se preparasse para pagar o grande excesso de bagagem aérea que no seu regresso à pátria, a pesada **“Taça Wolf”** iria lhe custar...

No dia seguinte, o **“Hotel Aviz”** foi palco do grande baile de gala que encerrou a semana cinematográfica. Entre os acordes vienenses de Strauss que compartilhavam com a champanhe e com as luzes cintilantes de lustres e de jóias, daquele ambiente de expectativa, foi lido o veredicto do júri que, debaixo de surpresa geral classificou os concorrentes ao consagrador título de melhor cineasta amador do mundo.

Vencera novamente a França com os primeiros lugares em Fantasia e Enrêdo.

Merecidíssima a pontuação atingida pela **“poesia”** de Regnard e Cherigie que com ela encabeçaram não só a categoria de Fantasias, mas também todos os filmes que se apresentaram em Lisboa. **“Il etait une fois”** é produto de uma tremenda paixão devotada ao cinema, um cinema que os mentores da UNICA conceituam de uma forma estranha e egoísta mas que não deixa de manifestar, como no caso de Cherigie e Regnard, um impressionante esforço, aliado a uma paciência e uma tenacidade que só poderia provir de **“amateurs”**, que sentem o celuloide correr pelas engrenagens de seus corações.

Nos arredores de Paris, edificaram êles, dentro de um bosque, uma cidadezinha miniatura, dedicada aos **“animais selvagens civilizados”** e durante um ano, construíram 20 minutos de fantasia, contada por uma imagem kodackromizada de extraordinária sensibilidade.

Os coelhos, os gatos, as raposas, passaram dias debaixo dos **“spots”** representando uma fábula, que deu à França o galardão cobiçado pelos franceses...

“Beatrice” levou o primeiro lugar dos filmes de enrêdo. Lirismo de **“jeune fille”** traída pelo namorado. Historieta bem colorida, um tanto folhetinesca, em que

a narração toma a seu cargo a responsabilidade de informar o espectador, deixando a imagem apenas como ilustração...

— Não sou ninguém para contestar a decisão dos jurados; são todos eles excelentes pessoas, mas que, na sua maioria, entendem de cinema como eu de astronomia (a comparação não é das melhores, pois que com um pouco de esforço, talvez me lembre da definição de esfera celeste, ângulo zenital, etc. ...mas vá lá). São bem intencionados. Alguns chegam a doutrinar como se fossem um Kulechov ou algum similar da didática cinematográfica.

Outros são mais comedidos, fazem apenas uma análise quantitativa na folha de pontuação, mas não se atravem à análise qualitativa. Os demais já ouviram falar nos Lumiére, em Charles Chaplin e possivelmente em Orson Welles. Dois ou três sabem o que é cinema.

Quando alguém, ainda durante o banquete, perguntou-me se eu estava satisfeito pela colocação dos filmes brasileiros em 6.º e 7.º lugares, apenas 3 pontos abaixo do filme suíço classificado em 3.º lugar, eu levantei um brinde aos jurados. Talvez fosse de má fé, mas não era uma reclamação de justiça para o Brasil e sim para os outros esquecidos ou incompreendidos que estavam no rodapé da lista de classificação. Foi, por exemplo, em nome de "Ascano Boa" que eu brindei os julgadores da UNICA.

A Itália sagrou-se a melhor documentarista com "**Vida de Atól**", um filme bem feito, porém lento e monótono no seu desenvolvimento sub-aquático em que a câmera acompanha com preguiçosas panorâmicas, as evoluções dos multicoloridos peixes atores. O ambiente extravagante e poliforme das profundezas do Oceano Índico e a "originalidade" da filmagem em meio líquido foram as causas da vitória deste trabalho bonito, mas sem qualquer característica consagrada.

"**Degelo em Lotschental**" e "**O homem da montanha**" classificaram-se em 2.º e 3.º lugares, ainda dentro dos documentários. Estes filmes (francês e suíço) com cenários muito parecidos, retratavam episódios montanheses. O frio do inverno, o trabalho e as diversões sempre emoldurados pelos gelos e picos nevados. A primeira cena da película francesa, um velho caminhando na neve com um feixe de lenha nas costas, foi a "frase" mais linda projetada no Festival.

O documentário espanhol "**Lanterna mágica**", que colocou-se em 4.º lugar, so-

freu por parte do juri, do fenômeno típico que é a conceituação errônea dos valores filmicos. "**Lanterna mágica**" não é cinema. É lanterna mágica. Admito que tenha havido um grande esforço na compilação do material utilizado na feitura da obra, composta de um bom número de "variedades" caricaturadas pela ótica aliada à mecânica, elementos físicos ilusores do movimento, que mais tarde, geraram o cinema. "Lanterna mágica" é um retrocesso aos primórdios do "cinematographe", quando êle andava ainda assustando crianças pelo Boulevard des Capucines. De lá para cá passaram-se mais de 50 anos, anos que escreveram uma gramática e uma linguagem para que a ótica e a mecânica deixassem de se conjugar unicamente num fenômeno físico e sim criassem também uma alma, que é tóda a força de expressão que o cinema encerra. Na era das grandes estruturas de concreto armado, talhar a pedra para construir um templo gótico, é fazer o que fizeram os espanhóis com o seu filme. Os senhores jurados talvez não soubessem que um frade alemão de nome Atanasia Kircher, há 250 anos atrás já se divertia, apresentando em público estes espetáculos de magia. Acharam uma grande "trouvaille" e deram ao trabalho um lugar de honra.

Em seguida, tivemos "**Pa Kamerajakt Idyreheimen**" (desculpem-me os leitores se eu omiti alguma letra) — "A história de um caçador de imagens". Ao meu ver, foi uma velada propaganda da Casa Pailard. Principal ator: "Bolex H-16".

Chegamos agora aos trabalhos brasileiros. Quero neste momento, me isentar de qualquer parcialidade, para fria e honestamente, analisar a presença dos dois documentários na tela do Palácio Fóz.

"**Terra do fogo**", muito antes da sua exibição, já grangeara um título que, por absurdo que pareça, trazia-lhe um grande desprestígio — o filme mais longo a ser visto! Enquanto o catálogo de inscrições indicava uma média de 120 metros para os 54 filmes nele contidos, estava o documentário brasileiro ostentando os 420 metros que apavoravam a assistência. Ter que suportar quase uma hora de cinema de um rapaz desconhecido, que trazia seu filme de um país com uma "história cinematográfica" tão comprometedora, era um sacrifício superado apenas pela vontade humanitária de prestigiar...

Cheguei a ouvir dizer que os estatutos da UNICA permitiam aos jurados darem-se por satisfeitos após meia hora de pro-

jeção. Este artigo trazia um certo consolo à platéia.

Mas quando **"Terra do Fogo"** começou a ser projetada, quando os 11 juizes vindos dos Alpes da Suíça, dos fjords da Noruega ou das campinas da Austrália, começaram a percorrer as perdidas costas do litoral Patagônico "povoadas de sons estranhos, com uma grandeza só comparável à sua beleza", quando os ice-bergs e os pinguins, as focas e as cavernas de gelo compoem com uma poliformia extraordinária o pedestal do Continente Americano foram desfilando pelo projetor, ninguém se lembrou de mandar suspender a sessão...

Regnard, Anoni, Galcéran e outros "maestros" que se tornaram meus grandes amigos foram unânimes em afirmar que se **"Terra do Fogo"** tivesse sido realizada com uma preocupação "mais européia", buscando comunicar-se através de uma forma mais lírica e não indo buscar num clássico "latinismo-americano" as composições dramáticas como elementos expressivos, teria o Brasil pregado um susto grande, em muita gente boa...

É fora de dúvida que **"Terra do Fogo"** se ressentia de um esqueleto orgânico bem articulado. As ligações encontradas pela montagem não bastaram para suprir as deficiências do roteiro que não existiu durante a filmagem, porque pelas latitudes inhóspitas e geladas onde transcorreu grande parte do filme, jamais estivera um ser humano para informar e conduzir a câmera... Daí o desenvolvimento ter que sujeitar-se com as "descobertas sucessivas" que trilhavam uma linha de decupagem quase instintiva. Contudo, se houve esta falha, teve a obra um sentido grandiloquente e místico que a liberdade espacial lhe imprimiu. Foi talvez o filme de aspecto mais grandioso que se projetou no Festival.

"Xaréu" é o documentário clássico: Prólogo, Conteúdo e Peroração. Alguns esplêndidos momentos de cinema, estribados num ritmo de montagem que é indiscutivelmente o valor máximo do filme. O folclore afro-brasileiro, musicando os corpos luzidios dos negros pescadores, exerceu um enorme fascínio sobre a pla-

téia estrangeira. Os coqueiros baianos percorridos por "travellings" sugestivos, enquanto o mar dialogava com as brancas areias, assistido por um céu às vezes "figueiroano", criaram um ambiente muito favorável à ação da pesca que, em si, deixa a desejar pela omissão de certas etapas imprescindíveis, que ficam apenas sugeridas.

Depois dos brasileiros, classificaram-se filmes alemães, belgas, ingleses, portugueses, argentinos, etc., alguns de grande valor, realizados por cineastas que há anos militam nos Concursos Internacionais.

"Rumba" a experiência abstrata do nosso companheiro Roberto Miller, foi infeliz por encontrar na sua categoria (Fantazia) uma versão argentina sobre o mesmo tema. A "visualização musical" dos nossos visinhos é feita com mais sentido dinâmico, em que a imagem lança mão de maior número de elementos entre os quais certas frases que fazem uma pontuação entre a abstração das linhas e das figuras geométricas, que se sucedem como num caleidoscópio.

Em linhas gerais está exposto o que foi o Congresso da UNICA deste ano, em que nós mostramos aos europeus que pouco devemos já aos seus maiores valores e o que falta ao Brasil para que ele possa atravessar o Atlântico com a Taça Wolf (travessia que eu lá jurei um dia podermos fazer) é uma visão consciente desta palavra **"amateur"**, à qual dedicarei um artigo no próximo número desta Revista.

Temos elementos humanos e naturais suficientes até de sobra para triunfar na Europa. Se continuarmos na luta em prol do trinômio universal da cinematografia — **"Cultura, Trabalho e Recursos"**, a vitória certamente nos sorrirá.

Por enquanto é repetir o que dissemos envoltos na confraternização do baile no Aviz: ...Viva os jurados, Viva o Estoril, Viva as queijadinhas de Sintra, Viva a Unica, Viva Portugal, Viva o Brasil...

★ Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-Cine Clube Bandeirante ★



"ALÉM RHENO"

Jean Lecoq — FCCB

Promoção de Classe no F. C. C. B.

A. MORAES BARROS — F C C B

Desde que ingressei no F. C. C. B. tenho me preocupado com o sistema de promoção de classes adotado pelo clube. Conversando com os companheiros, encontrei as mais diversas opiniões. Estas, vão desde os que julgam o sistema atual excessivamente rigoroso até os que o reputam extremamente benevolente. Pessoalmente estou com os últimos.

Vejamos porque:

Havendo dez concursos por ano, e podendo cada concorrente inscrever quatro trabalhos por mês, êle concorrerá no total com quarenta trabalhos. Conseguindo classificar todos os trabalhos na sua classe, o concorrente obterá quatrocentos pontos, que pelo regulamento é o necessário para ser promovido à classe imediatamente superior. Ora se um "novíssimo", durante o ano, apresentando o número máximo de trabalhos, classifica tôdas as fotografias como "novíssimo", que prova mais cabal poderá dar de que não passa de "novíssimo"? Como então promovê-lo a "Junior"?

Não me parece justo, neste caso, obrigar o associado a concorrer numa classe, que não sendo a sua êle não poderá sustentar.

Vamos analisar um caso concreto.

Foram realizados em 1953, cinco concursos interno de "diapositivos em côres", podendo cada concorrente inscrever quatro trabalhos por vez, num total de vinte.

Eu, da classe dos "novíssimos" apresentei novamente, obtendo a seguinte classificação:

Classificações Obtidas					
Mês	Tr. Apres.	Asp.	Nov.	Jun.	Senior
Fevereiro	4	1	1	2	—
Abril	3	1	2	—	—
Junho	4	1	1	1	1
Agosto	4	—	1	3	—
Outubro	4	1	1	—	2
T o t a i s	19	4	6	6	3

Analisemos êsses resultados matematicamente. Para tanto, devemos considerar que se em abril apresentei só três trabalhos, provavelmente, foi porque não conseguí fazer um quarto que convencesse a mim mesmo. Êste deverá, portanto, ser somado aos classificados "aspirante" (menor classificação que pode obter um trabalho). Porcentualmente teremos:

Aspirante — 25% (5 em 20, sendo 1 não apresentado)
Novíssimo — 30% (6 em 20)
Junior — 30% (6 em 20)
Senior — 15% (3 em 20)

Portanto 55% dos trabalhos foram classificados até "novíssimos" e 45% acima dessa classe. Ora se a maioria dos trabalhos não conseguiram alcançar classificação superior a classe a que pertencia, como justificar minha promoção a "Junior"? Entretanto, pelo sistema em vigor obtive mais que os duzentos pontos necessários à promoção. Creio, com êste exemplo, ter justificado porque me incluo entre os que julgam benevolente o atual sistema de promoção de classes.

Proporia as seguintes modificações:

a) Concursos em "preto e branco" — 4 trabalhos por autor — 10 concursos por ano.

Pontos necessários à promoção: 200

b) Concursos de "diapositivos em côres" — 4 trabalhos por autor — 5 concursos por ano — Pontos necessários à promoção: 100

Os pontos seriam obtidos ou perdidos da seguinte maneira:

- 1) Cada trabalho classificado acima da classe do concorrente ganharia dez pontos por classe.
- 2) Cada trabalho classificado na classe do concorrente não ganharia pontos.
- 3) Cada trabalho classificado abaixo da classe do concorrente, perderia dez pontos por classe.

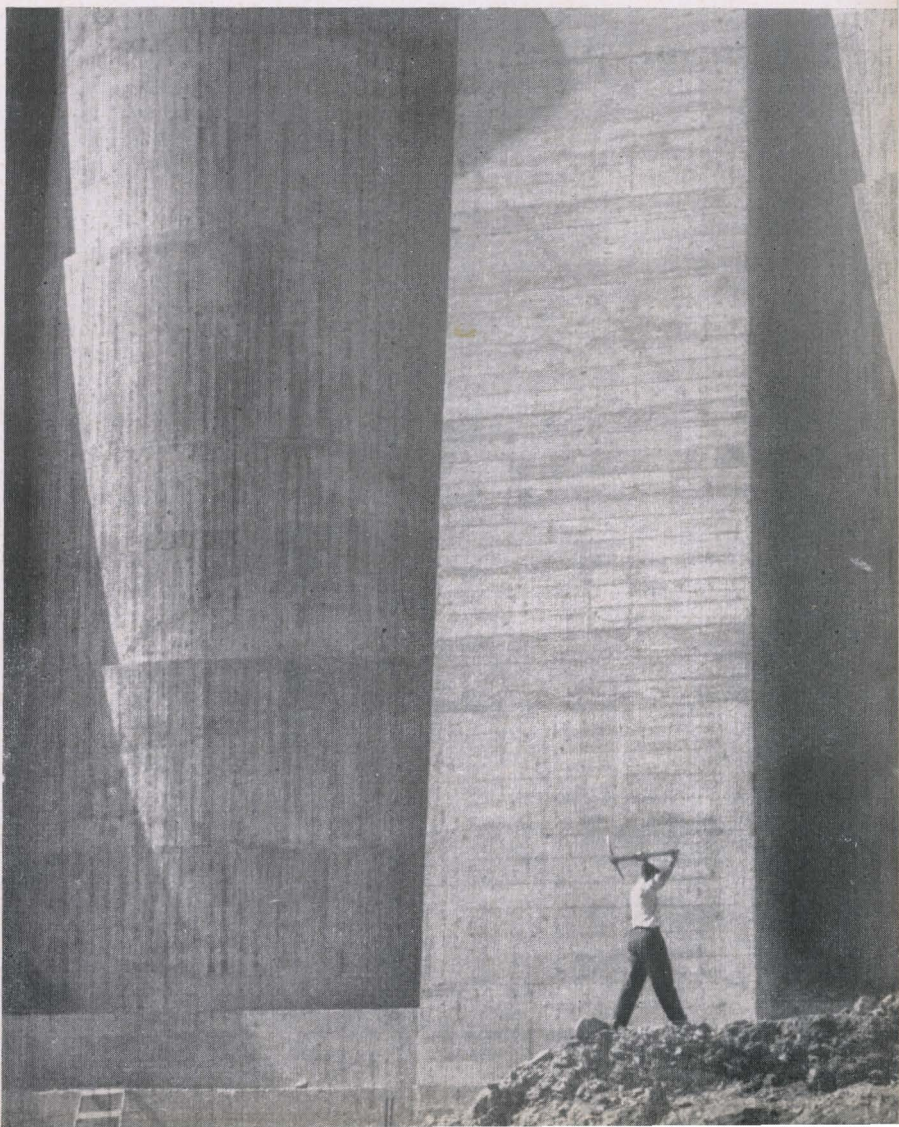
Apliquemos o sistema proposto ao caso de meus "diapositivos em côres" que concorreram em 1953 considerando-se ser eu um "novíssimo", obter-se-ia o seguinte resultado:

3 trabalhos classificados		
"senior"	3×20	=60
6 trabalhos classificados		
"junior"	6×10	=60
6 trabalhos classificados		
"novissimo"		=zero
4 trabalhos classificados		
"aspirante"	$4 \times (-10)$	=40
Pontos perdidos:	120	
Pontos obtidos :	— 40	
T o t a l :	30	

não obteria, portanto, o mínimo necessário à promoção.

Não resta dúvida, que estou propondo um sistema de promoção de classe mais rigoroso. Mas, se a finalidade de nossos concursos internos é manter a produção e qualidade dos trabalhos dos sócios, sejamos mais e mais rigorosos. Obrigaremos assim, a um maior esforço, e conseqüentemente um melhor aproveitamento, único meio de levantarmos cada vez mais o nome do Bandeirante.

Plínio S. Mendes — FCCB



XIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo

COMEMORATIVO DO IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO

Como era de se prevêr, o XIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo que o Foto-cine Clube Bandeirante fará realizar em novembro próximo, em nossa Capital, alcançou o mais completo êxito.

Ao término do prazo prefixado para as inscrições, cêrca de 1.700 trabalhos já haviam sido recebidos pela comissão executiva, oriundos de 33 países e de autoria de mais de 500 autores, do estrangeiro e do país, dentre êles os mais renomados internacionalmente, quer concorrendo individualmente, quer integrando as representações das mais importantes entidades fotográficas.

Confirma-se assim, mais uma vez, o alto prestígio e conceito que gozem o Salão de São Paulo e o Foto-cine Clube Bandeirante nos círculos artístico-fotográficos de todo o mundo, mercê da sadia orientação que preside tôdas as suas realizações.

O juri do Salão, composto pelos Srs. Ademar Manarini, Alfio Trovato, Eduardo Salvatore, Francisco Albuquerque, Ivo Ferreira da Silva e José E. V. Yalenti — que figuram entre os mais competentes e renomados artistas-fotógrafos paulistanos — já deu início à difícil tarefa de selecionar as obras para exposição.

É conhecido o rigor com que, aliado a um espírito eclético, costumeiramente age o juri do Salão de São Paulo na escolha dos melhores trabalhos, dentro das várias "escolas" e tendências a que obedecem as obras de arte em geral — e, naturalmente, também a fotografia artística. Aliás, é essa uma

das suas maiores credenciais e motivo de ser preferido pelos maiores nomes da fotografia artística mundial.

Acostumou-se assim, o público paulistano em ter no Salão promovido anualmente pelo Foto-cine Clube Bandeirante, uma elevada mostra de arte, a qual traduz, realmente, o grau de adiantamento a que atingiu a fotografia como meio de interpretação e criação artística.

Com o farto material de que dispõe êste ano o juri, não temos dúvida em afirmar que o próximo Salão será talvez o mais extraordinário de quantos já foram realizados entre nós, constituindo, assim, ao mesmo tempo, o brinde com que o Foto-cine Clube Bandeirante homenageia a nossa Cidade pela passagem do IV Centenário da sua fundação.

Por êste motivo, tem o XIII Salão caráter comemorativo, sendo conferido a todos os expositores, medalhas e diplomas alusivos à efeméride.

*

Ao mesmo tempo que se processam os trabalhos de seleção, cuida a Diretoria do FCCB dos demais detalhes para a apresentação condigna do Salão, o qual deverá ser solenemente inaugurado na primeira quinzena do próximo mês de novembro, na Galeria Prestes Maia, onde permanecerá aberto à visitação pública, durante trinta dias.

INGLÊS
FRANCÊS

Licenciado estrangeiro dá aulas individuais e em pequenos grupos.

Alegremente - Claramente - Sem esforço

RUA BARATA RIBEIRO, 227, Ap. 14
(perto de nosso Clube)



Os "bandeirantes", divididos em várias turmas sob a orientação de consócios mais experientes, percorreram a cidade colhendo motivos para o "Concurso IV Centenário" promovido pela Prefeitura Municipal em colaboração com o F. C. C. Bandeirante. Nos clichês, o Sr. José E. Yalenti, Diretor Fotográfico do FCCB quando dava explicações a um grupo de associados e dois dos mesmos em atividade.

Resenha das Principais Atividades Mensais do F. C. C. B.

SÓCIO CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pela Diretoria do Foto-cine Clube Bandeirante foi nomeado sócio correspondente do Clube, no Rio de Janeiro, o destacado amador, Dr. JAIME H. TAVORA, residente á rua Benjamin Constant, 14 - apt., 508, fone 22-9579, Distrito Federal, o qual se encontra à disposição dos interessados para qualquer informação sôbre as atividades do F. C. Clube Bandeirante.

Seminário de Fotografia

Continuando a prática desta interessante modalidade de debates sôbre problemas de interesse para o aperfeiçoamento técnico e artístico dos associados, o Clube realizou a 19 de agôsto, mais um seminário, o qual contou com a presença de grande número de associados.

Os debates, que decorreram bastante animados, foram inteligentemente orientados pelo Sr. Dr. Antonio Ferreira Fº.

Exposição de Roberto Yoshida

Integrando a série de exposições com que o F. C. C. B. está comemorando o transcurso do IV Centenário da nossa Capital, o destacado bandeirante Roberto Yoshida inaugurou a 23 de agôsto último, na sede do Clube, sua esperada exposição individual. A página 17 damos notícia mais detalhada desse acontecimento.

Excursão a São Paulo

Tendo em vista a realização do Concurso "IV Centenário" promovido pela Prefeitura Municipal de S. Paulo em colaboração com o F. C. C. B., e a fim de ensinar aos associados a colheita de material para concorrerem àquele certame, o Dept. Social promoveu a 8 de agôsto, uma original excursão através da nossa Capital. Foram os numerosos associados que participaram do passeio divididos em vários grupos, sob a orientação dos consócios mais avançados, distribuindo-se cada grupo por diferentes pontos da cidade, a fim de, naquela mesma manhã, abrangerem toda a nossa Capital.

Sessão cinematográfica

O Dept. Cinematográfico do Clube prossegue no cumprimento do programa de proporcionar aos associados, com a exibição de filmes de arte, magníficos ensinamentos. Assim, mais uma interessantíssima sessão realizou a 9 de agôsto p.p., com filmes gentilmente cedidos pelo Consulado do Canadá em S. Paulo, dentre os quais figuraram três magníficos e famosos desenhos de **Norman McLaren** os quais, como os demais, deixaram excelente impressão no numeroso público que lotou completamente a sala do F. C. C. B.

Pelo que soubemos os resultados foram magníficos, de modo a que a representação do Clube ao importante certame deverá retratar aspectos múltiplos e dos mais interessantes da cidade.

Concursos Internos

Proseguem com entusiasmo os concursos internos do Clube. Neste mês de agôsto, de conformidade com o calendário pré-estabelecido, ti-

vemos mais dois concursos, um em branco e preto, sob o tema "Paisagem brasileira" — isto é, paisagens com características nitidamente nacionais, e outro de diapositivos em cores, este sob o tema "Close-ups". Magníficos trabalhos foram apresentados em ambos os concursos, bastante concorridos.

Em setembro teremos mais um concurso, em

branco e preto, sob tema livre. Em outubro e novembro, não serão realizados concursos internos, tendo em vista os trabalhos preparatórios e a exposição do XIII Salão Internacional, encerrando-se a série de concursos internos, em dezembro, com a realização de um concurso em branco e preto sob o tema "Linhas e formas na natureza" e outro em cor, sob tema livre.

- Acessórios em geral
- esmaltadeiras
- refletores
- farpadeiras
- pinças plásticas, etc.

— O melhor preço e a melhor qualidade —

FONTAMAC

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS
FOTOGRAFICOS

Rua Francisca Miquelina, 190 - Fone: 33-5628

HEMEL Hidro-Eleto Mecânica de Engenharia Ltda.



Av. Ipiranga 674 - 9.º - s/904 - Tel. 36-6263
Projetos e execução de instalações elétricas industriais e prediais.

CEL Construções Elétricas Ltda.

Av. Ipiranga 674 - 9.º - s/903 - Tel. 35-4473
Linhas de transmissão e distribuição de energia elétrica.

KOSMOS FOTO KOSMOS FOTO KOSMOS FOTO KOSMOS FOTO KOSMOS FOTO



SERVIÇO FOTOGRAFICO
KOSMOS
FOTO

RUA SÃO BENTO, 288

APARELHOS FOTO E CINE FILMES,
COLORIDOS, REPARAÇÃO.

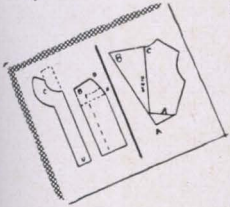
Foto copias

KOSMOS FOTO KOSMOS FOTO KOSMOS FOTO KOSMOS FOTO KOSMOS FOTO

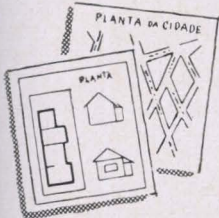
ESTAMOS ATENDENDO A TODOS OS PEDIDOS!

DUPLICADOR A FLUÍDO
automático
COM NOVOS APERFEIÇOAMENTOS

Ultragraf



ESCOLAS PROFISSIONAIS



PLANTAS E DESENHOS



JORNAIS ESCOLARES

Acabou-se a falta de duplicadores no mercado! Agora V. S. pode adquirir o moderno duplicador Ultragraf, para pronta entrega. E com outra vantagem: já está à venda o modelo MA, dotado de novos aperfeiçoamentos. Ultragraf reúne as principais características e vantagens dos melhores duplicadores do mundo. Permite tiragens de cópias secas, nítidas e em quantidade ainda não obtidas por nenhum outro duplicador a fluído.

Peça uma demonstração sem compromisso.



NOTÁVEIS CARACTERÍSTICAS:

- Sem gelatina, sem estêncil, sem tinta, sem tipos
- Impressão simultânea em diversas côres
- Tira mais de 500 cópias
- Não borra e não suja
- Recebe desde papel de seda até cartolina

Distribuidores Exclusivos:

REPRESENTAÇÕES - EXPORTAÇÃO - IMPORTAÇÃO **REI** **LTD.A.**

Av. Nova Anhangabau, 702 - 5.º and. - Fone 34-1478 - 33-9953 - S. Paulo

Para tôdas as aplicações da fotografia
Filmes - Chapas - Papéis - Produtos Químicos



Esta é uma das maiores fábricas de material fotográfico do mundo: a **Fábrica Gevaert**, situada em Antuérpia, na Bélgica. Em seu trabalho ininterrupto, os técnicos da Gevaert estão sempre acrescentando novos aperfeiçoamentos à técnica fotográfica, em tôdas as suas finalidades.

Nos laboratórios: para radiografia, fotomicrografia, espectrografia, mineralogia, metalografia e oscilografia.

Nos escritórios: para cópia de documentos, desenhos e microfotografia.

E ainda mais: para retratos, reportagens, cinema, fotografia em cores, para todos os processos gráficos (tipografia, litografia, off-set), para aerofotografia, fotografia em infra-vermelho e ultra-violeta, fotografia de quadros, monumentos etc.



a marca de qualidade

FOTO PRODUTOS GEVAERT DO BRASIL S. A.

Record 14.013